

CONCEITO DE FAMÍLIA NA REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA DE ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE RUAⁱ

Miguel Ângelo Moreiraⁱⁱ

Resumo: Busco, neste trabalho, tanto representar o conceito de família sob a ótica de adolescentes, pertencentes a famílias pobres, quanto ilustrar como eles constroem suas identidades num contexto de desagregação familiar. O método de análise segue os parâmetros da ADC, que embora compreenda várias vertentes teóricas e técnicas, aqui se alinha à proposta de análise léxico-gramatical hallidayana (1985, 2004), pois a intenção é a de investigar não só a exterioridade da linguagem (discurso), mas também sua interioridade (gramática). Assim, propõe-se a análise de uma pesquisa, inscrita nos moldes qualitativos, cujos resultados apontam para uma nova conceituação de família, que define e configura novas identidades no contexto da família contemporânea.

Palavras-chave: Família. Desagregação familiar. Discurso. Transitividade.

Abstract: The aim of this paper is to represent the concept of family from the perspective of teenagers' who belong to poor families, as well as to illustrate how they build up their identities in the context of family fragmentation. The method of analysis follows the framework of CDA, which despite comprising different theoretical paths and techniques, here it aligns itself with the proposal of Halliday's lexical-grammar analysis (1985, 2004), since the intention is not only to investigate the exteriority of language (discourse) but also its interiority (grammar). In order to achieve the research goals, a qualitative base analysis was adopted and the results point to a new concept of family which defines and establishes new identities in the context of the contemporary families.

Keywords: Family. Family fragmentation. Discourse. Transitivity.

ⁱ Este artigo constitui parte dos estudos desenvolvidos no Grupo Brasileiro de Estudos de Discurso, Pobreza e Identidades, o qual integra a REDLAD.

ⁱⁱ Doutorando em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB) e professor de Língua Portuguesa da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, Brasil. E-mail: miguelangelo@unb.br.

Introdução

Vivemos num mundo globalizado, independente de nossas escolhas ou desejos. A sociedade contemporânea mostra-se em constante mutação e, de forma específica, o debate sobre as questões que tratam da concepção atual de família e de seu papel na sociedade representa uma engrenagem importante na engenharia da rede de poder que move a sociedade. Portanto falar em transformação ou mudança nos moldes tradicionais da família é mexer em “casa de abelha”, uma vez que historicamente esta pequena comunidade constitui o alicerce sobre o qual se sustenta toda a sociedade. Contudo, não há como negar os contornos que a globalização vem desenhando e remodelando uma nova concepção de família na atualidade.

De acordo com Castells (2003, p. 30), dois são os fatores determinantes para tal mudança: a globalização e a crise da família patriarcal. A primeira atua na dissolução da autonomia das instituições, organizações e sistemas de comunicação nos locais onde vivem as pessoas. Já a crise da família patriarcal, configura-se como o enfraquecimento do modelo familiar baseado na assimetria de autoridade/dominação do homem sobre toda a família. Ainda segundo esse autor, o enfraquecimento desencadeou-se a partir de alguns fatores, dentre eles: o declínio das taxas de fecundidade, o aumento do número de separações conjugais, a elevação do nível educacional das mulheres e sua maior participação no mercado de trabalho. Em outras palavras, as mudanças no código civil, os avanços na biomedicina e, principalmente, a mudança nos papéis sociais da mulher parecem contribuir decisivamente para a fragmentação do núcleo tradicional de família (pai, mãe e filhos), gerando rupturas. Uma das consequências imediatas é o que denominei, em trabalho anterior, de “desagregação familiar parcial”¹. Tal processo sugere o

rompimento parcial no tempo de convivência entre mãe e filho(s); ou seja, enquanto as mulheres/mães “rompem as paredes do lar” para ganhar o mundo, parece afrouxarem também, gradativamente, os laços de convivência com os filhos. De acordo com Moreira (2009, p. 84), essa situação parece estar sendo “camuflada” pelas atuais conquistas feministas, uma vez que o indivíduo passou a ser mais importante que seu núcleo familiar. Ressalte-se que não se parte para a defesa do “machismo”, pois acreditamos que as conquistas da mulher são necessárias e positivas. Nesse sentido, o que se deve levar em conta são os efeitos colaterais gerados por esse processo gradativo de desagregação entre mãe e filho(s). Por isso, o tema “desagregação familiar parcial” tornou-se uma “chave de ignição” para se compreender o que os adolescentes pensam sobre família nos dias de hoje, e como a mudança na estrutura familiar (tradicional ou clássica) pode afetar as escolhas dos caminhos seguidos pelos jovens brasileiros.

Na tentativa de entender essa nova realidade, o presente estudo mergulha no universo da experiência de vida de adolescentes, pertencentes a famílias pobres, com o intuito de averiguar em que medida a “desagregação familiar parcial” e a experiência nas ruas se entrelaçam na construção identitária dos jovens de hoje, – que, a meu ver, movimenta um problema social, que tem sua origem na atualidade. Para tanto, trago a este trabalho um recorte da minha dissertação de mestrado, apresentada à Universidade de Brasília em 2007, que envolve uma análise linguístico-discursiva de relatos de adolescentes moradores do Município de Luziânia, Estado de Goiás, gerados mediante entrevistas realizadas nos moldes da pesquisa qualitativa. Os dados empíricos foram colhidos junto a duas instituições públicas responsáveis pela reintegração de jovens na sociedade².

¹ Para mais detalhes, confira Moreira (2009).

² Para mais detalhes, confira Moreira (2007).

Para a análise desses dados, toma-se como base de reflexão estudos voltados para o sistema de transitividade na perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional (doravante LSF), o que será apresentado na próxima seção. Em seguida, apresento uma breve contextualização sobre família e destaco alguns posicionamentos que trazem à luz as atuais transformações consubstanciadas no universo familiar na atualidade. Por fim, apresento a análise de um recorte de entrevistas-narrativas feitas com 12 adolescentes, participantes da minha pesquisa de mestrado, tomando como instrumento de análise léxico-gramatical o sistema de transitividade, na vertente de Halliday & Matthiessen (2004).

1 LSF: sob a lupa do sistema de transitividade

O modelo da LSF, que vem sendo desenvolvido por Halliday (1976, 1978, 1985, 2004), implica uma teoria linguística voltada para a análise da gramática baseada na noção paradigmática de escolha. Para esse autor (1994, p. XIII), a linguagem é usada para diferentes propósitos e em diferentes contextos e situações que emolduram sua estrutura, ou seja, a LSF “analisa e explica como os sentidos são construídos nas interações linguísticas do dia-a-dia” (EGGINS, 2004, p. 1), em todas as atividades que envolvem a linguagem, isso sempre em torno de um propósito ou de uma função. Conforme observa Eggins (1994, p. 1-2), a abordagem sistêmica está sendo reconhecida como uma teoria que provê uma estrutura teórica para interpretação e descrição muito útil ao ver a linguagem como um recurso estratégico de produção de sentido. Essa é a razão da preocupação em verificar como a linguagem é usada pelas pessoas ou como ela é estruturada para o uso. Deve-se aclarar, aqui, que a concepção de linguagem como um potencial de significados à disposição dos atores sociais

tem sido difundida também por outros estudiosos da área, entre os quais Martin (1992) e Thompson (1996).

De acordo com Halliday (1978, p. 157), “gramática é o mecanismo linguístico que liga uma às outras as seleções significativas que derivam das várias funções da língua, e as realiza numa forma estrutural unificada”. Nesse sentido, a organização interna da estrutura linguística incorpora as funções que a língua desenvolveu para servir na vida do homem social, pois a linguagem deve ser compreendida como um sistema de comunicação entre pessoas.

Nessa perspectiva funcionalista, Halliday & Matthiessen (2004, p. 169) afirmam que “a palavra ou a oração constrói uma relação de significação entre um mundo e os seus significados”. Portanto os textos representam simultaneamente aspectos do mundo físico, social e mental. É nesse sentido que a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) mais se coaduna com a perspectiva da Análise de Discurso Crítica (ADC), uma vez que considera os componentes linguístico e social num escopo teórico dos estudos da linguagem.

Para representar os aspectos ligados aos mundos físico, social e mental, Halliday (1976) sugere a função ideacional, que organiza o sistema de transitividade da língua através dos processos (grupo verbal), participantes (grupo nominal) e circunstâncias (grupo adverbial ou preposicional)³. Ainda segundo Halliday & Mathiessen (2004, p. 169), “cada processo provê seu próprio modelo ou esquema, que constrói um domínio particular de experiência como uma figura de um tipo particular”, ou seja, cada processo dá corpo a esquemas conceituais, traduzidos pela gramática da experiência como significados discursivos. Nesse sentido, a “gramática da experiência” é constituída na relação entre a linguagem e o social, assim como propõe a ADC quando oscila entre um foco em textos

³ O sistema de transitividade realiza ou constrói o significado.

específicos e um foco na estruturação social de uma língua/linguagem e sua parceria com determinadas práticas sociais (FAIRCLOUGH, 2003). Para Halliday & Hasan (1985, p. 5), o conhecimento sócio-linguístico se transmite, se cria e se recria em contextos sociais (situacionais ou culturais), através de relações sociais (práticas discursivas) como “as de pais/filhos, ou professores/alunos, [relações] que são definidas pelas ideologias e pelos sistemas de valores de cultura”. Esses autores acrescentam que “as palavras que se intercambiam nestes contextos adquirem significados nas atividades em que se inserem, que também são atividades sociais”. Desse modo, a linguagem pode ser vista como uma forma de prática social que intervem, influencia ou constrói as nossas experiências, identidades e visões do mundo, apresentando-se não apenas como um meio de descrever o mundo e veicular informação, mas também como uma maneira de provocar mudanças no mundo e expressar visões e pensamentos.

2 Uma breve contextualização sobre as mudanças no contexto da instituição família

Segundo Woodward (1997, p. 18), “as mudanças e transformações globais nas estruturas políticas e econômicas no mundo contemporâneo colocam em relevo as questões de identidade e as lutas pela afirmação e manutenção das identidades nacionais e étnicas”. De acordo com Hall, “um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX”. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais.

Nesse contexto, a família, como uma instituição jurídica e social, também foi marcada por tais transformações, modificando-

se ou reestruturando-se, conforme veremos no próximo item. Desse modo, o tema *família* torna-se instigante quando a tradição está fragmentando-se e modificando-se. As recentes transformações no universo familiar apresentam-se, aqui, como um vetor na investigação do papel da família na formação identitária de crianças e adolescentes, o que será ilustrado nas próximas subseções.

2.1 Família como instituição socializadora primária

De acordo com Moreira (2007, p. 9), uma família, de modo geral, é um conjunto de indivíduos, com identidade de valores manifestados em preferências similares, além de encontrar-se vinculados por laços consanguíneos, consensuais, jurídicos, afetivos etc. Alinhada a esta perspectiva, também é um consenso afirmar que a família é o núcleo responsável por grande parte da construção das nossas crenças, comportamentos e, inclusive, identidade. Para Giddens (2002, p. 42), “desde os primeiros dias de vida, o hábito e a rotina desempenham um papel fundamental na construção de relações no espaço potencial entre a criança e os que cuidam dela”. Ainda segundo esse autor, “conexões centrais são estabelecidas entre a rotina, a reprodução de convenções coordenadoras e os sentimentos de segurança ontológica nas atividades posteriores do indivíduo”. Nesse sentido, a estrutura familiar envolve os mais diversos interesses, individuais ou coletivos, e se constitui numa das mais importantes instâncias da ordem hegemônica, sendo um dos principais núcleos de socialização.

Por assim dizer, a função básica da família seria a de preparar a criança, o jovem para se tornar um membro de convívio social, que respeita todas as regras e formas de condutas exigidas pela sociedade. De acordo com Giddens (2002), as famílias desenvolvem uma espécie de currículo de ensinamentos com os quais é possível delimitar as fronteiras da

sexualidade, fundamentais para a inserção da criança na sociedade. Isso porque, segundo Vieira (2005, p. 224), “os pais são os primeiros responsáveis pela definição de modelos identitários, assim como pela reprodução cultural de valores e de princípios morais e éticos e também sexuais de cada sujeito”. A instituição *família*, dessa forma, prevalece na “primeira educação”, na repressão dos instintos, na aquisição da língua, na transmissão dos valores e comportamentos sociáveis, uma vez que transmite estruturas de comportamento e representação que ultrapassam os “limites da consciência” (WOORTMANN, 1987). Em resumo, é na família, então, que os indivíduos encontram suas primeiras referências identitárias. Trata-se de um valor de consenso que ecoa também nos estudos voltados para a Linguística, dentro da área de Análise do Discurso, como sugerem Pardo (2005) e Silva (2007), para quem a família constitui o eixo central na formação da identidade das pessoas. Dessa forma, a família torna-se a essência da sociedade. Por assim dizer, é uma instituição que a sociedade preza, porque é a partir dela que valores e princípios morais e éticos são disseminados. Ela é, por isso, uma das engrenagens da grande máquina de poder que move a sociedade. Um poder que pode estar sendo ameaçado pelos efeitos da globalização e de outros fatores, como se nota na próxima subseção.

2.2 A família contemporânea em um processo de transformação *continuum*

Para Castells (2003, p. 173), os estudos que enfocam as transformações das famílias, motivadas pelas mudanças advindas da pós-modernidade, apontam um enfraquecimento do modelo de família baseado na autoridade do homem sobre a mulher e os filhos no âmbito familiar, tendo o pai como provedor da base econômica e do sustento da família e a mãe como responsável pelos afazeres domésticos e pela educação (criação) dos

filhos, além do dever de submissão ao homem. Esse modelo de família constitui a base que sustentou por séculos a vigência do patriarcalismo, que ainda impera em alguns países, embora esteja se dissolvendo ou se modificando em quase todo o mundo. Sobre isso, comenta Castells, ao registrar que foi na década de 1990 que surgiram os primeiros indicadores da crise no modelo patriarcal em quase todas as sociedades, principalmente nos países mais desenvolvidos, mas que está difundindo-se também na América do Sul, como revela estudos de Maria Laura Pardo sobre família e pobreza. Em seus estudos voltados para o conceito de família, Pardo (2005, p. 1) afirma que a família de origem⁴ costuma agir expulsando seus membros do lar. Enfatiza a pesquisadora argentina que a perda da família de origem equivale ao encrave da ruptura ou crise do processo identitário. Parece que a crise instaurada no núcleo familiar, conforme apontam os autores, citados neste parágrafo, pode ser observada também no contexto brasileiro⁵, tornando-se uma “chave de ignição” para ligarmos as atuais representações discursivas de adolescentes sobre o conceito de família e como suas identidades têm sido construídas num contexto de desagregação familiar.

No âmbito da família de origem, estão se constituindo novas relações de convivência, que ocorrem de várias maneiras, conforme apontam os estudos de Machado (2001), cujas ideias destaco a seguir:

- relaxamento dos controles sociais sobre o comportamento dos cônjuges;
- deslocamento da relevância do grupo familiar face ao *status* de seus membros, ou seja, o indivíduo passou a

⁴ Considera-se “família de origem” aquela formada pela junção de pai, mãe e filhos, ligados por laços consanguíneos (cf. PARDO, 2005). Também chamada de Família Natural pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (art. 25, da Lei nº 8.069 / 90).

⁵ Conforme apontam os estudos de Moreira (2007).

ser mais importante que seu núcleo familiar;

- perda da ideia do “amor”, até mesmo como condição para a permanência conjugal;
- substituição de uma “educação retificadora”, corretora e moral das crianças, por uma “pedagogia da negociação”.

Além desses pontos, incluo aqui, também, outro fator de transformação na família contemporânea, talvez fruto dessas questões apontadas acima, que é a desagregação dos laços de convivência entre mãe e filhos, que será comentado na próxima subseção deste artigo.

2.3 Até que ponto o efeito avassalador da Globalização e dos movimentos feministas modifica a estrutura familiar?

De acordo com Castells (1996, p. 16), “uma característica fundamental da nova sociedade refere-se à transformação da condição da mulher nos países mais desenvolvidos”. As recentes conquistas feministas estão cada vez mais alterando os espaços em que a mulher ocupa na sociedade e, portanto, no lar. Ainda segundo esse autor, “a necessidade econômica de incorporar a mulher dentro do mercado de trabalho e a pressão de um poderoso, ainda que difuso e dividido, movimento feminista combinam-se para criar um novo terreno histórico que já teve um impacto fundamental na totalidade do sistema social”. Conforme anunciado na seção anterior, o primeiro e mais importante impacto tem sido na família. Sugere Castells (2003, p. 5), esse autor sugere também que a busca de um projeto de identidade da mulher contemporânea foi o pilar mais sólido que sustentou a base do feminismo, cujo intuito era construir uma nova identidade capaz de redefinir a posição da mulher na sociedade.

Para tanto, esse fenômeno, englobado e sustentado pela globalização, vem enfrentando a tradição secular do patriarcalismo, ou seja, de toda a estrutura, reprodução, sexualidade e personalidade sobre a qual as sociedades historicamente se estabeleceram.

De dona de casa, papel privatizado em alguns casos, a mulher assume um status definitivo no mercado de trabalho externo ao lar de origem. Em troca, ela vem rompendo gradativamente os laços de convivência com os filhos para dar conta dos novos papéis assumidos na sociedade como um todo. Em outros termos, ao buscar o seu espaço no mundo capitalista, a mulher entra em simbiose com os papéis historicamente masculinos para definitivamente romper as paredes do lar. De acordo com Vieira (2005, p. 235), “a luta feminista para a equiparação das mulheres aos homens no que toca ao trabalho não está favorecendo o sexo feminino, ao contrário, está masculinizando-a”. Desse modo, a mulher não apenas assume funções historicamente masculinas, mas tem que compartilhá-las com outras funções historicamente femininas, como os cuidados com o próprio corpo, com os afazeres domésticos e com os filhos. Nesse sentido, o aspecto temporal parece entrar em contradição com o espacial, pois quanto mais a mulher conquista espaço socioeconômico menos tempo terá para cuidar dos filhos – é o que anunciam e comprovam os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), realizada entre os anos de 2001 a 2005. De acordo com Soares & Sabóia (2007), coordenadoras dessa pesquisa, os dados da PNAD mostram que a mulher ainda contribui mais que o homem nos afazeres domésticos, no entanto, o tempo de permanência com os filhos tende a se reduzir em função da participação no mercado de trabalho. Para essas pesquisadoras brasileiras:

as filhas mulheres gastam 14,9 horas semanais em afazeres domésticos e sua carga de trabalho aumenta ainda mais se elas vivem em um lar onde a mãe não tem cônjuge e tem filhos maiores

e menores de 14 anos (17,5 horas semanais). Neste tipo de arranjo, geralmente recai sobre as meninas tais afazeres porque se a mãe não possui cônjuge e é responsável pelo sustento da família no mercado de trabalho, é praticamente inevitável para as meninas o trabalho doméstico e cuidado dos irmãos. [grifos meus] (SOARES & SABÓIA, 2007, p. 23).

Em outras palavras, a “independência” social, política e econômica da mulher (especialmente se esta é mãe) parece fazer com que o papel da figura materna esteja sendo gradativamente, delegado para outro membro (familiar ou não). Essa transferência de papéis sociais, tomando apenas como base o âmbito interior da família, atinge tanto as funções relativas aos cuidados com as atividades domésticas (como limpar, lavar, passar etc), quanto com a criação e educação dos jovens, pelo menos para essa situação apontada acima. Isso porque as condições de ausência ou indisponibilidade de equipamentos e serviços sociais públicos de atendimento à criança fazem com que ela seja entregue aos cuidados de parentes ou, em algumas condições, fiquem abandonadas ou “soltas”, como veremos na seção 3.2 mais adiante. Em outros termos, as mudanças de papéis sociais (ou político ou econômicos) parecem ter vindo desacompanhadas de um sistema de proteção e acolhimento às crianças, principalmente em família onde a figura paterna inexistente (pelo menos no que diz respeito à convivência com os filhos, a exemplo das famílias monoparentais), como é o caso dos atores sociais que compõem os dados apresentados a seguir (seção 3.2).

3 Geração e análise de dados

Para a realização da pesquisa, optou-se pela abordagem qualitativa, com a intenção de trabalhar o sentido e o conteúdo das representações da vida social dos adolescentes que integram a nossa delimitação, além da observação dos significados atribuídos tanto à própria ação quanto à relação com o outro.

Para tanto, utilizo como técnica para coleta de dados entrevistas semiestruturadas com um único respondente, também conhecidas como entrevistas em profundidade, no intuito de obter narrativas espontâneas de jovens de famílias pobres. Esse tipo de entrevista, como bem observa Jovchelovitch & Bauer (2002, p. 93), possibilita o encorajamento do informante a contar a história sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social.

Ao relacionar a Gramática Sistêmico-Funcional aos estudos sobre representação e discurso, apresentamos uma das formas pelas quais o gênero desencaixado *entrevista narrativa* pode ser explorado a partir da perspectiva sistêmico-funcional de linguagem, ilustrando a aplicação dos conceitos por meio de dados coletados com adolescentes em situação de rua. O propósito é vincular a gramática a representações discursivas sobre a construção da identidade de adolescentes num contexto de desagregação familiar. Nesse sentido, a LSF, conforme mencionamos na seção 1, será empregada na análise dos nossos dados pelo fato de ser uma corrente que tem como preocupação entender os modos pelos quais a linguagem é usada para diferentes propósitos e em diferentes contextos e situações que moldam sua estrutura.

3.1 A representação discursiva de adolescentes sobre o conceito de família

Os exemplos, apresentados nos tópicos seguintes, configuram um recorte das entrevistas-narrativas de adolescentes, colhidas entre os meses de fevereiro e junho de 2007 em duas instituições responsáveis pela reintegração de jovens na sociedade, ambas localizadas no município de Luziânia, Estado de Goiás⁶. Destaca-se, aqui, o discurso narrativo de adolescentes que deixam subjacentes as marcas da interação dialógica com o pesquisador (observador participante).

⁶ Para mais detalhes, consulte Moreira (2007, p. 76-77).

Tal procedimento facilitou o mergulho analítico no sistema de transitividade hallidayano, com foco nos aspectos relacionados à representação da experiência de mundo dos entrevistados⁷. Entretanto, a análise será apresentada a partir de processos que tiveram um número expressivo de ocorrências nos exemplos, os quais compõem um fragmento da investigação realizada em minha pesquisa de mestrado.

O exemplo (1), a seguir, faz parte de um trecho de entrevista feita com o adolescente Felipe⁸ que, no momento da pesquisa, encontrava-se internado no Centro de Apoio Sócio-Educativo à Infância e à Adolescência (CASEIA) de Luziânia⁹. Esse adolescente define família da seguinte forma:

(1) Família é uma união, né... minha mãe... e meus irmão... só /.../ Ela me dava conselho, né... falava que... a vida do crime não compensa... falava pra mim não usá drogas... e caçá uma igreja como ela, que... / Falava que é... se deve sê honesto ((aí o que você falava pra ela?)) falava, mãe... um dia eu vou tomá jeito, né...

(FELIPE, 14 anos/CASEIA)

O exemplo (1) permite identificar um discurso de representação social, objetivado pela expressão verbal “*ser*” em **família é uma união**, que nos remete ao que o senso comum definiria como família ideal, conforme vimos na seção 2, ou seja, a união entre mãe, pai e filho(s) simbolizada como a única forma de estrutura familiar aceitável para a formação de um indivíduo (com suas devidas exceções como em casos de maus-tratos ou outras formas de violência doméstica). Esta união

⁷ Embora Halliday e seus seguidores tenham aplicado a teoria sistêmica ao inglês, propomo-nos, para este contexto, aplicá-la ao português com as devidas adaptações aos diferentes sistemas.

⁸ Por motivos éticos, os nomes citados neste trabalho são pseudônimos.

⁹ Cf. Moreira (2007).

representa a simbologia de uma instituição, ancorada na tradição familiar e difundida socialmente como modelo de família ideal. Entretanto, quando Felipe define família como *uma união* apenas entre mãe e filhos, logo no início da narrativa em destaque, o adolescente sugere uma mudança na concepção de família tradicional e indica pistas para o surgimento de um novo conceito, que vai ser definido principalmente pelas ações realizadas no mundo físico¹⁰. No exemplo acima, tem-se que a **meta** da família (ou da mãe), configurada na expressão *dar conselho*, é legitimada pelo adolescente como o principal laço que une e constitui uma família, conforme explicitado nas estruturas (1a), (1b) e (1c) abaixo:

1a) *Ela me dava conselho, né*

<i>Ela</i> [a mãe]	<i>me</i>	<i>dava</i>	<i>conselho</i>	<i>né</i> (forma sincopada de <i>não é</i>)
ator	beneficiário	proc. material	meta	conector pragmático

(1b) *(ela) falava pra mim não usá drogas...*

<i>(ela)</i>	<i>falava</i>	<i>pra mim</i>	<i>não</i>	<i>usá</i>	<i>drogas</i>
dizente	proc. verbal	receptor/ator	circ. negação	proc. material	Meta

(1c) *e caçá uma igreja como ela*

<i>e</i>	<i>caçá</i>	<i>uma igreja</i>	<i>como</i>	<i>ela</i>
conector	proc. material	meta	conector	ator

Do ponto de vista linguístico-textual, os verbos utilizados configuram experiências de vida no mundo físico do narrador, que são traduzidas a partir da projeção de orações

¹⁰ Para Halliday & Mathiessen (2004, p. 179), o mundo físico é descrito pelo processo material, que constrói a realidade exterior do falante. Os autores afirmam que “as orações materiais são orações de *fazendo-e-acontecendo*”, as quais geralmente descrevem ações concretas ou tangíveis e eventos do mundo físico.

materiais pelo processo verbal *falar*¹¹. Ao narrar sua experiência de vida no contexto familiar, o adolescente revela que a proximidade ou união da mãe com os filhos, ensinando-os “o certo” e “o errado”, parece indicar um fator importante para a construção de sua identidade. Com isso, nota-se que esse adolescente tem consciência das regras de conduta impostas dentro do âmbito familiar, as quais conformam os princípios e valores morais e éticos adquiridos na educação primária. Tal fato pode ser evidenciado na avaliação do jovem sobre seu papel como filho e aprendiz. Esse duplo papel está marcado por um desejo implícito, caracterizado pelo processo relacional *ser*, como se pode observar na estrutura (1d) e (1e) a seguir. Vejamos as estruturas seguintes:

seu papel na família, o adolescente mostra que a escolha do certo e do errado passa por uma busca incessante pela construção de sua identidade, que se revela fragmentada no mundo das relações abstratas em função do desejo de atender aos conselhos da mãe e as ações praticadas no mundo físico, as quais pressupõem a sua atual realidade. Assim, quando afirma **vou tomá (tomarei) jeito**, o adolescente avalia sua conduta e expressa o desejo de **ser honesto**, embora a expressão circunstancial **um dia** aponte para a incerteza quanto ao seu papel no âmbito familiar e a que caminho seguir, o que sugere uma crise de identidade. Por assim dizer, a tentativa de construir sua identidade no contexto da família confronta com um mundo instável, em crise de valores, fragmentado, impondo-lhe uma

(1d) <i>(ela) falava que se deve sê honesto</i>						
<i>(ela)</i>	<i>falava</i>	<i>que</i>	<i>se</i>	<i>deve</i>	<i>sê</i>	<i>honesto</i>
dizente	proc. verbal	conector		forma finita (verbo auxiliar)	proc. relacional	atributo
			clítico		predicador	
(1e) <i>Um dia (eu) vou tomá (tomarei) jeito né</i>						
<i>Um dia</i>	<i>(eu)</i>	<i>vou tomá (tomarei)</i>		<i>jeito</i>	<i>né</i>	
circunstância	portador	proc. relacional		atributo	conector	

De acordo com Fairclough (2003), as avaliações podem ser implícitas ou explícitas e declaradas em termos de valores, sendo que as declarações com juízo de valor referem-se a algo que é desejado ou não e a importância que se dá a algo. Seguindo essa linha de raciocínio, temos os processos relacionais, que, segundo Halliday & Matthiessen (2004), codificam significados sobre *estado de ser*, ou seja, esse tipo de processo aborda diferentes maneiras de se autoavaliar no discurso. Nessa perspectiva, ao fazer uma avaliação sobre o

direção obscura sobre o que ser ou o que fazer. Portanto, a busca do que deve *ser* – honesto ou não – culmina nas ponderações do adolescente sobre o papel da família e o seu papel nesse contexto, gerando uma crise que pode estar ligada aos efeitos da desagregação familiar. O emprego da expressão circunstancial **só** – no segmento oracional Família é uma união, né... minha mãe... e meus irmão... **só** – evidencia a exclusão da figura paterna, que pressupõe uma desagregação no núcleo familiar, caracterizada pela ausência de um membro do convívio do adolescente.

Desse modo, a seleção de processos material, relacional e verbal configura as

¹¹ Um das características do processo verbal, segundo Halliday, é a de projetar outras orações (cf. GUIO & FERNÁNDEZ, 2005; EGGINS, 2004).

escolhas lexicais que o adolescente faz para representar sua visão de mundo. Segundo Hall (2003, p. 378), as leituras que os atores sociais – no caso aqui os adolescentes – fazem “surgem da família em que foram criados”, dos lugares que frequentam. Desse modo, o indivíduo desenvolve suas habilidades no contexto a que tem acesso. Talvez isso justifique, pelo menos em parte, o motivo precípua para Felipe, ao falar de família, trazer à tona, mesmo que implicitamente, sua experiência com a criminalidade, conforme expressa o segmento oracional – (eu) *falava, mãe... um dia eu vou tomá jeito, né...*¹². Nesse enunciado, o jovem enfatiza uma informação que ele considera relevante, uma vez que representa um fato real em sua vida. Isso permite inferir que a perda do vínculo familiar afeta a identidade desse jovem de tal modo que pode interferir na opção pelo caminho a percorrer na vida e não a falta de discernimento entre o que é certo e o que é errado. Tal opção pode estar relacionada a processos de desagregação familiar que tendem a afastar “os filhos” do convívio com os pais de origem, como será evidenciado na próxima subseção.

3.2 A construção da identidade num contexto de desagregação familiar

Vimos, na seção 2, que estudos mostram que um dos fatores relativos ao enfraquecimento da família patriarcal justificasse, relativamente, pela inserção da mulher/mãe no mercado de trabalho remunerado, o que tem obrigado a mulher a redefinir seu papel, inclusive, no contexto familiar. Se antes (na família tradicional/patriarcal) a mulher possuía como função inerente o cuidado com o lar, incluindo a criação e educação dos filhos, a

complexidade da modernidade delegou, pelo menos com mais abrangência, outro papel: o de profissional. Essa situação, a qual eu tenho denominado de “desagregação familiar parcial”, refere-se ao afastamento temporário dos pais do convívio com os filhos, como quando a mulher-mãe sai de casa para trabalhar fora do ambiente em que se reúne sua família de origem. O resultado pode ser a perda de vínculos afetivos e de convivência, como bem observa Oliva (2003, p. 67) ao denunciar que “as preocupações com o amanhã, as pressões e as incertezas engendradas pelo mercado [de trabalho] globalizado vão gestando um significativo número de pessoas que não mais investem na afetividade, no apoio, no aconchego”, pelo menos em alguns casos. Por assim dizer, cada vez mais, as mães parecem distanciar-se ou desagregar-se gradativamente (e não exclusivamente), pelo menos no tocante ao tempo convivência com os filhos, como ficou ilustrado no excerto (2), a seguir:

(2) ((Com que você já morou?)) Minha tia... Morei três anos com a minha tia... /.../ Porque minha mãe trabalha num... setô de chácara... Ainda era longe da escola... Aí, como minha tia morava aqui no Jardim Ingá... Aí, tinha escola mais próxima, eu... ficava com minha tia... Morava com minha tia só pra eu ir estudá... Aí, só por isso... /.../ Era mei ruim, ficá sem a mãe, né... A mãe longe demais... pa estudá... tem que morá...

(SIMÃO, 16 ANOS)

Na entrevista-narrativa de Simão, a maioria dos segmentos oracionais, que tecem seu discurso, envolve processos materiais, os quais caracterizam a experiência do mundo físico do adolescente com relação à desagregação familiar por ele vivida. Como se a inclusão do adolescente na escola sobreviesse à desagregação, já que não havia escolas próximas ao trabalho da sua mãe. Nesse sentido, quando o participante *ator* é a figura materna, evidencia-se uma situação de

¹² Em Moreira (2007, p. 115), Felipe atesta seu envolvimento com a criminalidade, materializado no elemento verbal “roubar”, o qual retrata uma experiência real vivenciada por esse adolescente no mundo da violência e talvez justifique sua internação no CASEIA.

rompimento dos vínculos que atam a convivência cotidiana entre mãe e filho(s). A ocorrência da forma verbal “trabalhar” parece ser um reflexo de uma ação que alimenta a ausência da mãe do convívio com o adolescente (já que a necessidade econômica prevaleceu), o que se faz sentir na avaliação do adolescente sobre a desagregação familiar parcial, evidenciada no comentário avaliativo seguinte – “*era mei ruim ficá sem a mãe, né...*” – examinado parcialmente na estrutura abaixo:

ambientes (fora do lar de origem). Ressalta-se, portanto, que a diminuição de tempo de convivência entre mãe e filho(s), pelas razões mencionadas acima (excerto 2, por exemplo), não é o único fator de desagregação familiar, mas parece ser um elemento novo que merece destaque pelas consequências negativas apontadas até o momento.

Nesse sentido, não defendemos aqui a culpa da desagregação familiar à mulher. O que deve ser avaliado é a consequência gerada

(2a) *era mei ruim ficá sem a mãe, né...*

<i>era</i>	<i>mei (meio)</i>	<i>ruim</i>	<i>ficá</i>	<i>sem a mãe</i>	<i>né</i> (forma sincopada de <i>não é</i>)
proc. relacional	circ. de modo	atributo	proc. relacional	atributo	conector pragmático

A ocorrência de orações com processos relacionais, em (2a), aponta o significado representacional do discurso, traduzido como uma espécie de “grito” de alerta para a situação de “abandono” dos filhos, o que sugere a busca de políticas públicas voltadas para a aproximação de crianças e adolescentes às suas famílias de origem, tais como: redução de carga horária para mulher-mãe, criação de escolas em tempo integral, obrigatoriedade da presença de pais nas escolas periodicamente (como forma abono profissional) e assim por diante. Desse modo, acreditamos que os efeitos colaterais gestados pelas transformações por que passam os arranjos familiares no universo investigado não implantem “sementes” de descaso ou “abandono” na vida de crianças e adolescentes, particularmente de famílias pobres. Isso porque tais transformações têm ocorrido involuntariamente na vida desses jovens, restando-lhes a sujeição às regras que lhes são impostas, como fica patente no comentário avaliativo seguinte – “*A mãe longe demais... pa estudá... tem que morá*”. Essa situação explica, pelo menos em parte, um das razões para a circulação de crianças por outros

pela diminuição do tempo de convivência entre mãe e filho e a ausência de políticas públicas voltadas ao resgate de valores e princípios morais adquiridos na educação primária, possivelmente prejudicados pela situação de desagregação familiar parcial, como apontou o exemplo 3. Desse modo, é importante frisar que o foco não é a saída da mulher para trabalhar fora do âmbito doméstico (do lar de origem), mas sim os efeitos que a diminuição no tempo de convivência entre mãe e filhos exerce na construção da identidade de crianças e adolescentes de hoje.

Por isso, como ilustrou o discurso de Simão, a única alternativa pode ser a resignação e, às vezes, revolta ante a evolução do quadro de mudança da instituição familiar de origem (e suas consequências internas, como violência doméstica, alcoolismo, ausência do pai etc), somada à carência de políticas públicas de proteção à criança ou adolescente em situação de risco, como também se nota no próximo excerto. Vejamos:

(3) ((O que sua mãe gostava de conversar com você?)) Ela nunca conversô comigo, não... Vivia só bêbada, né... Nunca conversô

comigo, não ((E seus avós?)) Ah, me dava os conselho, né... Falava que eu tinha que estudá, meu!... Arrumá um curso... Saí dessa vida... Que eu andava roubano!... Pará com isso, né... ((E a sua tia, o que ela conversava com você?)) Era a mesma coisa, né... Pará de fazê coisa errada... Estudá... um monte de coisa... ((Por que você saiu da casa dela?)) Porque jogava na cara, rapaz... Ficava jogano na cara... Nem era obrigação deles cuidar de mim... porque minha tia já cuida de dois irmão meu já... Cuida dos meus irmão já... ((Mas você que decidiu sair (para a rua?)) Foi!... Foi complicado, né... Depois que passava fome na rua. Frio!... É ruim... Arrumava um lugá ali debaixo e dormia... /.../ Aprende só coisa ruim, o que num presta, aprendia... Aprendia o que num prestava... Usá droga, roubá, né... Fazê umas coisa errada... ((Isso acontecia quando você estava em casa, quando tinha alguma pessoa pra conversar?)) NÃO, num acontecia!... Quanto eu tava ni minha tia... Ser amado, né... Bem cuidado, né... Era bom ((Quando você tinha todo esse cuidado, essa proteção, você num pensava em roubar, não?)) Num pensava, não... ((O que te levou a ser violento?)) Minha família que viraro as costa pra mim, quando eu mais precisava... quando eu era pequeno, né... porque eu queria um carinho... um calô de mãe, e num tive... ((Então você acha que a ausência dos seus pais fez você seguir esse caminho?)) Foi... Eu num recebi nenhum conselho, né, dos pais... ((Se seus pais fossem mais carinhosos e mostrassem o que é certo e errado, mesmo assim você se envolveria com violência?)) Acho que não... Se eles tivessem me dado (xxx), cuidasse de mim, né... viraria não... Num tinha não... Faltô carinho, faltô um colégio pra estudá, meu... num tinha não!

(JUDAS, 17 ANOS)

Logo no início do relato de Judas¹³, nota-se que os segmentos oracionais envolvem *processos verbais*, normalmente presentes em

¹³ Este jovem, na ocasião da entrevista, estava internado no CASEIA, acusado do cometimento de vários homicídios (ver MOREIRA, 2007).

narrativas conversacionais, os quais estão relacionados à interação entre o adolescente e sua mãe. Participantes neste tipo de processo são chamados de *dizente* e *receptor* (ou *verbiagem*). Para Halliday & Matthiessen (2004, p. 252), as orações com *processo verbal* “são um importante recurso nos vários tipos de discurso, pois contribuem para a criação de narrativas por tornar possível o estabelecimento de passagens dialógicas”, como nas entrevistas dos adolescentes colaboradores desta pesquisa. Nessa perspectiva, nota-se que quando a mãe é colocada como *dizente*, o adolescente revela a situação de desagregação na família de origem, em função da falta de interação mãe-filho, a qual é evidenciada pelas circunstâncias associadas aos atores sociais envolvidos. Os segmentos oracionais (3a) e (3b) a seguir mostram que a situação de desagregação é motivada pela razão negligência/alcoolismo, o que se traduz na falta de interação verbal, como exibem as estruturas seguintes:

(3a) *Ela nunca conversô comigo, não...*

<i>Ela [a mãe]</i>	<i>nunca</i>	<i>conver só</i>	<i>comigo,</i>	<i>não</i>
dizente	circunstância de negação	proc. verbal	receptor	circunstância de negação

(3b) (ela/mãe) *Vivia só bêbada, né...*¹⁴

(ela/mãe)	<i>Vivia</i>	<i>só</i>	<i>bêbada</i>	<i>né</i>
portador	proc. relacional	circunstância	atributo	conector pragmático

No segmento oracional (3b), o elemento verbal “*vivia*”, nessa oração, foi empregado com o valor semântico do verbo “*estar*”, indicando o estado em que a mãe se encontrava, ou seja, “*bêbada*”. Para o adolescente, o

¹⁴ É importante frisar que esse adolescente afirmou em entrevista que não conheceu o pai biológico (MOREIRA, p.107).

alcoolismo funcionou como mediador da desagregação, que culminou na saída do jovem de casa para morar em outros ambientes (avós e tia). A perda de lugar, no seio da família de origem, parece vir associada a uma necessidade constante de adaptação a novos lugares e a novas relações, que, de início, parecem fáceis, pois há uma aceitação prévia dos parentes, como demonstram as estruturas abaixo:

Embora haja um predomínio de orações narrativas, que configuram processos materiais voltados para o mundo físico do narrador, um comentário avaliativo se destaca em (3e). Trata-se de um segmento oracional que envolve claramente um processo apontado para o mundo das relações abstratas (ou mundo do “ser”), mediante uma relação intensiva atributiva entre o portador (os parentes “*cuidar de mim*”)

(3c) <i>Ah, me dava os conselho, né...</i>					
Ah,	[os avós]	me	dava	os conselhos,	né
conector pragmático	ator	beneficiário	proc. material	Meta	conec. pragmático
(3d) <i>Falava que eu tinha que estudá, meu!... Arrumá um curso... Saí dessa vida...</i>					
(eles)	<i>falava</i>	<i>que</i>	<i>eu tinha que estudá, meu!</i>	<i>Arrumá um curso...</i>	<i>Saí dessa vida...</i>
dizente	proc. verbal	conector	orações (de processos materiais) projetadas		

Como já foi ilustrado anteriormente em nota, uma das características do processo verbal, segundo Halliday & Matthiessen (2004, p. 252), é a de projetar outras orações (cf. GUIO & FERNÁNDEZ, 2005; EGGINS, 2004).

Do ponto de vista linguístico-textual, os segmentos oracionais (3c) e (3d) configuram a experiência de vida no mundo físico do narrador. As ações dos parentes, as quais são traduzidas a partir da projeção de orações materiais pelo processo verbal “*falar*”, como em (3d), revelam a aceitação inicial dos parentes pelo adolescente, “rejeitado” pela família de origem. Entretanto, os laços que atam a aceitação dos parentes parecem não sustentar a posição simbólica garantida apenas pelo laço sanguíneo, resultando na “expulsão” do adolescente também da família substituta, como se nota nos excertos abaixo:

e um atributo (“*obrigação deles*”), o que evidencia, no caso, um processo de autoexclusão do núcleo da família substituta, em função de uma suposta rejeição dos parentes pela condição do jovem (“*Que eu andava roubano*”). Nesse sentido, a identidade do adolescente é marcada pela “diferença”.

Segundo Woodward (1997, p. 29), “as identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas *simbólicos* de representação quanto por meio de formas de *exclusão social*”. As orações analisadas apresentam tanto a representação simbólica (laços sanguíneos) quanto a tentativa de exclusão social (“expulsão” em razão da situação em que encontrava o adolescente – “*Que eu andava roubano!*”).

(3e) <i>Nem era obrigação deles cuidar de mim...</i>					
<i>Nem</i>	<i>era</i>	<i>obrigação</i>	<i>deles</i> [avós, tios]	<i>cuidar de</i>	<i>mim</i>
circunstância	proc. relacional	atributo	circ. de posse	proc. material	meta
				portador	
(3f) <i>porque minha tia já cuida de dois irmão meu já...</i>					
<i>Porque</i>	<i>minha tia</i>	<i>já</i>	<i>cuida</i>	<i>de dois irmão meu</i>	<i>já</i>
Conector	ator	circunstância	proc. material	meta	circ. de tempo

A exclusão, por sua vez, atua como mola propulsora que “empurra” o jovem para as ruas sem lhe oferecer qualquer alternativa. Isso evoca o estudo feito por Pardo (2006), para quem as famílias atuam, hoje, empurrando os seus filhos para a rua, pelo menos num contexto de pobreza. Nesse contexto, a luta pela sobrevivência rege o seu destino e a rua torna-se o seu único educador, como se pode notar nas estruturas a seguir:

(3g) *Foi complicado, né...*

<i>Foi</i>	<i>complicado,</i>	<i>né</i>
proc. relacional	atributo	conector pragmático

(3h) *Depois que passava fome na rua, frio...*

<i>Depois</i>	<i>que</i>	<i>passava</i>	<i>fome e frio na rua</i>
circuns-tância	conector	proc. material	meta

(3i) *é ruim*

<i>é</i>	<i>ruim</i>
proc. relacional	atributo

(3j) *Arrumava um lugar ali debaixo e dormia...*

(eu)	<i>Arrumava</i>	<i>um lugar ali debaixo</i>	<i>e</i>	<i>dormia</i>
ator	proc. material	circunstância	conector	proc. material

(3l) *aprende só coisa ruim... usá droga, roubá, né...*

<i>Apren de</i>	<i>só coisa ruim...</i>	<i>usá</i>	<i>drogas</i>	<i>roubá</i>	<i>né</i>
proc. mental	fenômeno	proc. material	meta	proc. material	Conector pragmático
		orações (materiais) projetadas			

(3m) *Fazê umas coisa errada...*

<i>Fazê</i>	<i>umas coisa errada...</i>
processo material	meta

No que concerne às escolhas lexicais que representam a experiência ou visão de mundo do adolescente, os segmentos oracionais iniciados pelo verbo “*ser*”, em (3g) e (3i), sugerem comentários avaliativos, os quais denunciam que os efeitos maléficos da desagregação familiar podem conduzi-lo ao envolvimento com a criminalidade, como exibem as estruturas (3l) e (3m). Nesse sentido, a correlação social: “ausência da mãe” e “permanência nas ruas” (ilustrada no exemplo 3) parece atar um destino cruel na vida desse adolescente: o envolvimento com a criminalidade. Desse modo, as ações descritas nos segmentos (3h), (3j), (3l) e (3m) envolvem processos materiais que trazem à tona experiências reais vivenciadas pelo narrador quando morava na rua. Quer dizer, na fala desse adolescente, a rua é uma realidade dele e essa realidade vai definir sua identidade nesse contexto.

Uma questão que chama a atenção na entrevista-narrativa do exemplo (3) vai revelar que o envolvimento com a violência parece não ser uma escolha pessoal do adolescente, embora saiba discernir entre o certo e o errado, como se pode observar no trecho seguinte – “*Ah, me dava os conselho, né... Falava que eu tinha que estudá, meu!... Arrumá um curso...; Que eu andava roubano!...; Nem era obrigação deles cuidar de mim...; Aprendia o que num prestava... Usá droga, roubá, né... Fazê umas coisa errada...; eu num recebi nenhum conselho, né, dos pais... ; faltô carinho, faltô um colégio pra estudá, meu...*”. Trata-se, a meu ver, de um processo construído em razão das consequências da desagregação familiar, como atestam os fragmentos seguintes – “*quando eu tava ni minha tia... ser amado, né... bem cuidado, né... era bom; num pensava não...; minha família que viraro as costa pra mim, quando eu mais precisava... quando eu era pequeno, né... porque eu queria um carinho... um calô de mãe, e num tive...; eu num recebi nenhum conselho, né, dos pais...*”. Portanto, infere-se

da análise desses segmentos oracionais, marcados por processos (relacionais e materiais), que a conotação que pode estar invadindo as ações sociais desse jovem é o de naturalização daquilo que veem ou vivem na sociedade ao redor.

Destaque-se, aqui, a ocorrência de relações de identificação, regida por processos relacionais, que permite sugerir uma avaliação quanto à autoidentidade do jovem – “*quando eu era pequeno*”; “*ser amado, bem cuidado*”; “*era bom*” – bem como a busca de uma identidade familiar – “*quando eu tava na minha tia*” –, o que sugere uma situação de abandono causada pelo rompimento dos laços sanguíneos, de convivência e afetivos, justificando ainda mais a “busca” pelas ruas. Nesse processo avaliativo, parece transparecer uma insegurança do adolescente motivada pelo rompimento de vínculos, que o liga aos pais e parentes, o qual desencadeia uma perda de pontos de referência culturais, sociais e religiosos (valores e princípios éticos e morais), o que pode levar, entre outras coisas, ao que Giddens (2002, p. 42) chama de *aceitação da ausência*.

Desse modo, a nova identidade desse jovem agora se confronta com um mundo instável, em crise de valores, fragmentado, impondo-lhe uma direção obscura sobre o que ser, o que fazer, o que sentir e pensar, como também ficou ilustrado na gramática da experiência de todos os jovens citados neste trabalho, isso em função, principalmente, do rompimento de laços de convivência com a família de origem. Isso evoca um pensamento de Castells (1996), para quem essa nova realidade da família, no caso aqui famílias monoparentais, revela que o enfraquecimento e, conseqüentemente, a desagregação do modelo de família tradicional chegaram sem que haja um sistema de proteção às crianças. Nessa perspectiva, a família não mais pode ser vista como uma instituição estática, uma vez que se movimenta tanto nos espaços das construções ideológicas, voltadas para os

mundos “do fazer”, “do sentir” e “do ser”, quanto no papel que exerce na organização da vida social.

Considerações finais

As experiências registradas nas vozes de adolescentes pobres de Luziânia refletem uma realidade que precisa ser amplamente divulgada, seja pela mídia ou por pesquisadores, com o propósito de fortalecer a identidade de uma classe excluída socialmente em virtude do *status* pobreza. Identificar, por meio de uma análise linguístico-discursiva, o que os adolescentes pensam sobre família foi o primeiro passo para entender os efeitos que os problemas na estrutura familiar podem gerar na construção da identidade desses jovens.

Os resultados da análise de entrevistas com adolescentes revelaram a necessidade de se repensar o conceito de família nos dias de hoje, de modo a entender porque adolescentes de famílias pobres permanecem boa parte de seu tempo nas ruas. Os laços sanguíneos e afetivos afrouxam-se cada vez mais em razão da forte pressão centrífuga da modernidade, que distancia cada vez mais as mães e os pais dos filhos, pelo menos no tocante aos laços de convivência. Força tão intensa que esmaga, impiedosamente, o tempo de convivência de uma mãe com o seu filho, o que, na maioria dos casos, resulta na “entrega” do(s) filho(s) aos cuidados de “outros” (parentes ou instituições), incluindo também as ruas, como ficou evidenciado no excerto 3.

Este trabalho não parte para a defesa do patriarcalismo, haja vista não se tratar do objeto em estudo, busca-se, por outro lado, apenas retratar um dos efeitos da desagregação familiar na construção da identidade de crianças e adolescentes. Não me refiro à desagregação como um desligamento total de partes, mas como a abertura de um buraco, no qual se afunda cada vez mais os valores e crenças incrustados na tradição da instituição *família*. Desse modo, a ausência da família na

transmissão de valores e princípios morais e éticos pode resultar na perda de lembranças da origem, cravando a estaca da falência da sociedade enquanto instituto de promoção de relações interpessoais, por assim dizer, benéficas, incluindo a educação primária.

Para finalizar este trabalho, acresce dizer, ainda, que apesar de alguns estudos alertarem para as mudanças na estrutura familiar, pouco se fez para enfrentar essa realidade. Por isso, a influência do discurso naturalizado da família tradicional é ainda extremamente forte e consistente, pois o poder da representação social construída ao longo do tempo em torno da unidade familiar criou raízes de difícil desconstrução e mudança, que têm encoberto as reais causas do aumento da subversão dos jovens dessa nova geração sob o pano de fundo de possíveis atos isolados ou gerados pela pobreza. A importância desse tema diz respeito a vidas que estão sendo construídas sem amparo de valores educacionais próprios da família. Tal afirmação reforça a necessidade de se repensar a formação de um sujeito, frente ao processo avassalador de uma desagregação familiar, mesmo que parcial, sob pena dos valores e princípios familiares caírem no esquecimento. Nesse cenário, os filhos são os maiores prejudicados. As novas gerações estão sendo socializadas à margem dos valores e princípios morais e éticos da família.

Referências

CASTELLS, M et al. **Novas perspectivas críticas em educação**. Tradução Juan Acuña – Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

_____. **O poder da Identidade**. Tradução de Alexandra Lemos e Rita Espanha. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, vol. II, 2003.

EGGINS, Suzanne. **An Introduction to Systemic Functional Linguistics**. 2. ed. New York, London: Continuum International Publishing Group Ltd, 2004. pp. 206-253.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. London: Routledge, 2003.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

GUIO, E. & FERNÁNDEZ, M. D. **Manual de linguística sistêmico funcional: el enfoque de M.A.K. Halliday y R. Hasan: aplicaciones a La lengua española**. Santa Fé: Universidad Nacional del Litoral, 2005.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

_____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG: Representações da UNESCO no Brasil, 2003.

HALLIDAY, M. A. K. As bases funcionais da linguagem. In: DASCAL, M (org.). **Fundamentos metodológicos da linguística**. São Paulo: Global, 1978, pp. 125-161.

_____. **Estrutura e função da linguagem**. In: LYONS, John (org.). **Novos horizontes em linguística**. São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.

HALLIDAY, M. A. K & MATTHIESSEN, C. **An introduction to Functional Grammar**. 3. ed. Londres: Arnold, 2004.

HALLIDAY, M. A. K. & HASAN, R. **Language, context and text**: aspects of language in a social-semiotic perspective. Hong Kong. Oxford Press, 1985.

JOVCHELOVITCH, S. & BAUER, M. Entrevista narrativa. In: Bauer & Gaskell. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Tradução de Pedrinho A. Guareschi – Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MACHADO, L. Z. **Famílias e individualismo**: tendências contemporâneas no Brasil. Brasília: Departamento de Antropologia da UnB, 2001 (Série Antropologia, nº 291).

MOREIRA, Miguel Ângelo. **Ruptura familiar e pobreza**: a gramática da experiência no discurso de adolescentes. Dissertação inédita (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

_____. **A gramática da experiência no discurso de adolescentes**: da ruptura familiar parcial às ruas. In: SILVA, Denize Elena G. da; LEAL, Maria Christina D. PACHECO, Marta Carvalho de N. **Discurso em questão**: representação, gênero, identidade, discriminação. Goiânia: Cãnone Editorial, 2009.

OLIVA, A. M. **O Estatuto da Criança e do Adolescente**: Um estudo sobre as medidas sócio-educativas. Belém: UNAMA/FIDESIA, 2003.

PARDO, M.L. Un análisis acerca del discurso neoliberal en la Argentina y sus consecuencias. El concepto de familia en el discurso de los indigentes argentinos y chilenos. In: **Estado Posmoderno Y Globalización**. Transformación Del Estado-Nación Argentino. Argentina, p. 83-102, 2006.

SILVA, D. E. G. No rastro da questão social: ruptura familiar e pobreza nas ruas. In: VII Congreso Latinoamericano de Estudios del Discurso. **Actas del VII Congreso Latinoamericano de Estudios del Discurso**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2007. v. 1. p. 1-2.

SOARES, C.; SABÓIA, A. N. **Tempo, trabalho e afazeres domésticos**: um estudo com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2001 a 2005. Rio de Janeiro: IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais, 2007.

VIEIRA, J. A. A identidade da mulher na modernidade. In: **DELTA**: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, 2005, vol. 21, pp.207-238.

WOODWARD, K. **Identity and Difference** (Culture, Media and Identities series), London: Sage, 1997.

WOORTMANN, K. **A família das mulheres**. Rio de Janeiro: Revan / Ed. UFRJ, 1987.